

**O MASCULINO E O FEMININO
NA FALA DE CHANDLER BING:
SERIADO FRIENDS EM QUESTÃO**

Amália Pratte Santos (UFES)

amaliapr@gmail.com

Maria da Penha Pereira Lins (UFES)

penhalins@terra.com.br

1. Introdução

O ser humano se comunica através da linguagem, seja ela verbal ou não. Essa linguagem é constituída na própria interação humana, de forma social e histórica. Com o passar dos séculos ela adquiriu estruturas próprias, por exemplo, as diferenças entre a linguagem masculina e a linguagem feminina, ou a adequação do gênero discursivo ao contexto de uso. Normalmente homens terão uma linguagem mais agressiva, mais direta, já as mulheres serão mais polidas, mais suaves em suas falas.

Partindo da fala do personagem Chandler Bing, do *sitcom* Friends, analisaremos características de gênero masculino e feminino, com a finalidade de mostrar a adequação do uso dessas linguagens em diferentes situações. Entender, primeiramente, os gêneros masculino e feminino, bem como os gêneros textuais e o gênero *sitcom* é necessário, para então analisarmos falas do personagem.

A fundamentação teórica deste trabalho é focada na pragmática, tendo em vista perceber elementos da interação do personagem Chandler com os demais personagens.

2. Linguagem e gênero

É através da linguagem que o ser humano se expressa, seja essa linguagem verbal ou não. Pensando no indivíduo de forma isolada veremos que o modo de falar, agir e se expressar muda de acordo com o indivíduo e de acordo com a necessidade de comunicação. Quando se trata de diferenças entre os sexos há, tradicionalmente, ainda mais disparidades. Essas desigualdades, segundo Glass (1993) se dividem em: linguagem corporal, expressão facial, padrões de voz e fala, conteúdo da fala, e padrões de comportamento. É importante delimitar onde tem início essas diferenças. Seriam elas genéticas? Comportamentais? Hormonais? Bió-

logos, antropólogos e estudiosos em geral se dedicaram ao assunto ao longo dos séculos. Porém, o consenso alcançado é que o comportamento humano é, na verdade, uma combinação dessas variáveis. Ainda, Glass aborda a questão do desenvolvimento cerebral. Meninos e meninas possuem cérebros anatomicamente diferentes, e o desenvolvimento também se dá de formas distintas. Meninas desenvolvem o lado esquerdo do cérebro primeiro, por isso aprendem a falar mais cedo, meninos desenvolvem o lado direito do cérebro primeiro, o que facilita a sua compreensão lógica, por exemplo.

Mundos diferentes, meninos são criados para liderar, para sair e conquistar o que desejam. Meninas são educadas para criar os filhos, para serem boas esposas, boas mães. A sociedade criou os dois polos: masculino e feminino. Papéis bem determinados, cada ser deve se adequar ao seu gênero, os homens são provedores, aqueles que sustentam, e as mulheres são frágeis, aquelas que precisam de proteção e cuidado masculino. Lakoff (1975) discute as diferenças linguísticas no discurso masculino e no discurso feminino, ele afirma que crianças, por serem inicialmente criadas pelas mães, aprendem a linguagem feminina e a usam até, aproximadamente, os cinco anos de idade. Após isso surgem as diferenças perceptíveis, porém as meninas são inibidas de adotar uma nova linguagem, enquanto os meninos têm mais liberdade na escolha linguística. Mas será que esses polos linguísticos se mantêm? Ou são apenas extremos de uma gradação de comportamentos linguísticos?

2.1. Feminina

Desde a infância as mulheres aprendem a se comportar de forma determinada, mais polida, mais delicada. As pequenas mulheres aprendem a viver em um mundo cooperativo, uma sociedade baseada no coletivo. Lakoff (1975) diz que, na infância, mulheres são encorajadas a se portarem como “pequenas damas”, seu tom de voz é mais ameno, dócil, suas escolhas lexicais mais adequadas a um padrão de polidez e a ausência de “palavrões”. A menina é condicionada a falar como sua mãe e reprimida ao utilizar formas consideradas não adequadas a ela. Elas têm domínio lexical, por exemplo, de mais cores do que os homens, bem como o uso de alguns adjetivos são feitos por elas, mas não por eles, como “adorável” ou “encantador”. A linguagem feminina ainda está marcada pelas chamadas “tag questions”, que são perguntas no final de uma sentença com o intuito de confirmar a sua veracidade, por exemplo: “João

está aqui, não está?”. Além disso, o uso de eufemismos é bastante forte, marcando um discurso feminino mais “fraco”, menos direto e mais suave. As revistas destinadas ao público feminino apresentam essa linguagem, majoritariamente. Por essa “fraqueza” linguística as mulheres têm seu acesso ao poder negado, uma vez que, o comportamento linguístico constitui parte dessa relação de poder, os homens possuem vantagem sobre as mulheres.

Gray (1995) trata dos problemas de comunicação entre o mundo feminino e o masculino, para ele as mulheres se expressam de forma mais sentimental, com o livre uso de superlativos e metáforas. As mulheres falam por necessidade, seja para transmitir ou colher informações; para investigar os descobrir o que ela mesma tem a dizer (popularmente falando, pensam alto); para se sentirem melhor; para criar intimidade.

Glass (1993) enumera 105 diferenças entre homens e mulheres, elas apresentam características como:

- (1) falam em tom mais suave;
- (2) falam menos em conversas, falam de pessoas, relacionamentos, roupas, dietas, sentimentos e crianças;
- (3) expõe mais informações pessoais sobre si;
- (4) usam mais verbos que indicam estados psicológicos e emocionais, como “eu sinto”, “eu amo”;
- (5) têm uma abordagem mais emocional dos problemas;
- (6) têm menos dificuldade em expressar sentimentos;
- (7) falam menos “palavrões”;
- (8) são mais propícias a pedir e aceitar ajuda;
- (9) falam mais de relacionamentos com outros e com a família.

Fica claro que as mulheres vivem em uma sociedade cooperativa, que seus laços são construídos de forma afetiva. Compartilhar problemas, pedir ajuda, demonstrar carinho são formas de estabelecer uma relação no mundo feminino.

2.2. Masculina

A linguagem masculina, diferentemente da feminina, é clara, direta e bem direcionada. Homens falam pouco de seus sentimentos, ou de coisas abstratas, falam mais do concreto, discorrem sobre o dia a dia. Meninos são criados em um ambiente competitivo, para se estabelecerem como “líderes” dentro de um grupo utilizam-se da força, seja ela linguística, roubando o turno em uma conversa, por exemplo, ou até mesmo de força bruta. O uso acentuado de sarcasmo, piadas e “palavrões” compõe o discurso masculino e os põe em situação de domínio, logo o homem mais forte é o que sabe se impor de forma eficiente, essa imposição se dá pela demonstração de autoridade, de poder de liderança. Falar de sentimentos é algo menos comum, para Glass (1975), o discurso masculino é menos emocional, mais argumentativo e mais racional, homens são solucionadores de seus próprios problemas, logo, pedir ajuda é uma demonstração de fraqueza. Da lista das 105 diferenças enumeradas por ela pode-se citar algumas marcantes:

- (1) tendem a evitar contato visual;
- (2) falam com a voz mais forte;
- (3) tendem a monopolizar a conversação;
- (4) expõem menos informações pessoais sobre si;
- (5) usam menos verbos que expressem estado psicológico ou emocional;
- (7) fazem pedidos mais simples, diretos;
- (8) têm uma abordagem mais analítica sobre os problemas;
- (9) são menos diretos ao demonstrar afeto
- (10) veem as coisas de forma mais crítica;
- (11) têm mais dificuldade em demonstrar sentimentos íntimos;
- (12) usam mais “palavrões”;
- (13) são mais argumentativos;
- (14) são menos aptos a pedir ajuda, tentam resolver, entender, por eles mesmos;
- (15) tem dificuldade em se desculpar;

(16) se desculpam usando menos emoção;

(17) falam menos de relacionamento com os outros e com a família.

Gray (1995) aponta que o homem, quando tem um problema, para de se comunicar e tenta internalizar os problemas até obter uma solução, interferir nesse processo é assumir que ele não tem a capacidade de resolver o problema sozinho. Eles se recolhem em suas “cavernas” em busca de uma solução e só voltarão a falar do assunto quando obtiverem uma resposta. A forma de um homem apoiar o outro é tentar minimizar o seu problema, frequentemente com sentenças do tipo, “Tenho certeza que vai funcionar”. A linguagem masculina, então, é mais agressiva, homens tem necessidade de liderança. São menos cooperativos e buscam resolver seus problemas sozinhos.

2.3. Transição

Mas será que esses dois polos da linguagem são absolutos? Homens não poderiam utilizar, ou continuar utilizando a linguagem feminina após a infância? Mulheres não poderiam aprender a linguagem masculina? De certo que sim. As mulheres têm conquistado cada vez mais campos considerados masculinos, seja na política, na religião, em cargos empresariais etc. e, para isso, necessitam adequar sua linguagem ao ambiente no qual querem se inserir. Uma análise rápida provavelmente mostraria que mulheres que possuem cargos de chefia apresentam uma linguagem mais próxima do polo masculino, ao menos nessa situação de liderança. Há ainda dentro dessa grade a linguagem homossexual, onde seria mais frequente achar homens que usam majoritariamente a linguagem feminina, ou mulheres que usam de forma mais forte a linguagem masculina. Mas temos que lembrar que a linguagem que usamos não é um determinante de sexualidade, homens e mulheres heterossexuais ou homossexuais podem fazer uso das linguagens masculina e feminina. Como exemplo disso analisaremos a linguagem do personagem Chandler Bing, um homem, heterossexual que utiliza, também, a linguagem feminina.

3. Gênero seriado

3.1. Gênero textual

O estudo dos gêneros discursivos teve início com Platão e Aristóteles e vem sendo estudado até hoje, com uma abordagem diferente. Quando pensamos no processo de construção de sentido levamos em conta que a fala e a escrita se baseiam em padrões pré-estabelecidos, como afirma Koch (2007). Esses padrões compõem os gêneros textuais. A multiplicidade dos gêneros é infinita, pois as possibilidades são inesgotáveis, segundo Bakhtin (2003). Mas, mesmo com essa multiplicidade se faz a distinção dos gêneros textuais. Marcuschi (2008) fala da impossibilidade de haver comunicação verbal sem utilizar um gênero, ou seja, todo texto produzido numa interação verbal estará inserido num gênero textual. Ainda, os gêneros são construídos entidades empíricas bastante estáveis, histórica e socialmente situadas, são dinâmicos e não há como contá-los todos, já que são sócio-históricos e variáveis, mas há como explicar sua constituição, delimitar características, mesmo sendo muito difícil classificá-los.

Bakhtin (2003) diz que o discurso do indivíduo é formado a partir de discursos alheios, moldamos nossos discursos a partir do que ouvimos no discurso de outrem. Os gêneros discursivos são mais maleáveis, mais flexíveis que as normas da língua, por isso há uma infinidade de gêneros. A escolha, por exemplo, de um tipo de oração está ligada ao gênero que está sendo construído. Possuímos um repertório extremamente rico de gêneros, mas não necessitamos conhecê-los de forma teórica para utilizá-los.

Marcuschi (2008) ainda aborda a questão do suporte do gênero, ainda há muitas indagações sobre o assunto, devido a sua complexidade, mas a ideia central é que o suporte não possui neutralidade, nem o gênero é indiferente ao seu suporte. A definição de gênero então seria: “*locus* físico ou virtual com formato específico o que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.” (MARCUSCHI, 2008. p. 174). O que importa é a distinção entre gênero e suporte, no caso da televisão como suporte há uma ambiguidade, a mesma que há com o rádio, ela funciona como suporte, meio e serviço, mas os gêneros seriado e *sitcom* se utilizam dela para serem veiculados.

3.2. Seriado de TV: Sitcom

Dos diversos gêneros de suporte televisivo o seriado e o *sitcom* se assemelham em vários aspectos. O seriado possui algumas características que são compartilhadas pelo *sitcom*, como episódios dotados de começo, meio e fim, onde em cada episódio aparece uma história nova, que se concluirá no tempo de exibição, assim podemos assistir episódios aleatórios e, ainda, entender o que se passa. Pensando no trabalho final, o episódio pronto, temos a linguagem oral em foco, ainda que tenhamos as legendas. Porém o seriado, antes de ser gravado, é escrito. É um gênero de comunicação de massa, vide seu suporte televisivo. Pallottini (1998) diz que o episódio de seriado está inserido num conjunto maior, por esse motivo, nem sempre é possível explicar completamente um personagem, mas a compreensão do episódio não será comprometida por isso, já que o seriado é um gênero pensado para minimizar as perdas causadas pela aleatoriedade de exibição. No *sitcom* essas características são ainda mais marcantes.

O gênero *sitcom* (abreviação de *situation comedy*), diferente do seriado, possui cunho humorístico, frequentemente com um humor de fácil compreensão, menos refinado. Teve sua origem no Reino Unido, mas ganhou espaço dentro da indústria televisiva em diversos países. Dentre alguns *sitcons* mais conhecidos podemos citar *The Simpsons*, *Two and a Half Man*, e, claro, *Friends*. O *sitcom* possui algumas características mais marcantes. Em geral, possuem episódios mais curtos que os seriados comuns, em torno de 25~30 minutos; são voltados para temáticas do cotidiano, como relacionamentos, amor, família, amigos etc.; os episódios não costumam seguir uma linha temática contínua através das temporadas, sendo assim possível assistir episódios aleatórios sem comprometer a compreensão da história abordada nesses 25 minutos.

3.3. Friends

Lançado em setembro de 1994, *Friends* é um seriado produzido por David Crane e Marta Kauffman e veiculado pela emissora Warner Channel. Teve seu fim dez anos depois, em maio de 2004, e é considerado um dos seriados de maior sucesso já produzidos devido ao seu grande número de fãs e ao íbopo que o *sitcom* possuiu. *Friends* é um *sitcom* que trata de assuntos cotidianos: relacionamentos, amor, sexo, amizade, família etc. Os cenários principais são os apartamentos de Monica e o de Chandler e a cafeteria Central Perk. A história gira em torno de seis per-

sonagens principais. Os irmãos Ross e Monica Geller, ele paleontólogo e professor universitário, ela chefe de cozinha. A excêntrica Phoebe Buffay, massagista, mística e ex-colega de apartamento de Monica. Rachel Green, a garota mimada, amiga de infância de Monica que resolve sair de casa após fugir do próprio casamento. Joey Tribbiani, o ator de família italiana que interpreta o grande Dr. Drake Ramoray e divide o apartamento com Chandler Bing, um processador de dados, vizinhos de Monica. Há ainda outros personagens secundários, mas que se fazem importante para a compreensão da história em sua totalidade, como Janice, a ex-namorada de Chandler.

4. O comportamento linguístico do personagem Chandler Bing em *Friends*

Para entender o comportamento linguístico de Chandler precisamos conhecer um pouco de sua história. Filho de pais separados, ele cresceu com alguns traumas, um deles é o medo de compromisso. Além disso, Chandler é o observador do grupo de amigos, percebe as coisas e responde com uma piada acentuadamente sarcástica. Talvez como forma de proteção, o humor está muito presente em suas falas, e chega a ser autodepreciativo. No quesito romântico, se envolve com mulheres consideradas problemáticas. Quaglio (2009) trata de algumas características individuais dos personagens. Sobre Chandler ele trata das questões mais marcantes, com o medo de se comprometer em relacionamentos, a insegurança com mulheres, seja para chamá-las para sair, ou para terminar com elas, assim como a questão do uso do humor como forma de proteção.

O quarto episódio da terceira temporada do seriado gira em torno da relação entre Chandler e sua namorada Janice. “Aquele com o túnel metafórico” traz um personagem inseguro que procura resolver seus problemas com a namorada. O rapaz tem um pequeno ataque de “medo de compromisso” quando percebe que sua namorada e ele já fazem “coisas de casal”, nesse caso o disparador do medo é o fato de Janice alterar a disposição da comida dos pratos durante um jantar romântico, ela retira os tomates do prato dele e põe frango *à piccata* para Chandler. Ele expõe a situação aos seus amigos, que o aconselham e o ajudam a decidir como agir. Muito além das piadas e dos medos, Chandler demonstra alternar entre o uso de uma linguagem masculina e também da linguagem feminina, vejamos a seguir as cenas descritas e as falas analisadas.

“(...) ela colocou metade do frango à picatta no meu prato e pegou todos os meus tomates.”

No primeiro momento Chandler está assustado com a liberdade e com a intimidade que Janice demonstra na relação do casal, ele vê de forma subjetiva o fato dela ter alterado os pratos, o que não passava de uma troca de alimentos é visto na verdade como um sinal de intimidade, um alerta para o fim do relacionamento, considerando o medo de compromisso do personagem.

- Chandler – Ok, ontem à noite no jantar, quando os pratos chegaram ela colocou metade do frango à *picatta* no meu prato e pegou todos os meus tomates.
- Ross – E isso é ruim por que... você odeia frango à *picatta*? Você não queria dividir os tomates? Tomates são muito importantes pra você!
- Chandler – Não! É que subitamente éramos esse “casal”, ok? E esse alarme começou a ficar descontrolado na minha cabeça, sabe? “CORRA PELA SUA VIDA! SAIA DO PRÉDIO!”
- Rachel – Ah, homens são inacreditáveis! Janice apenas pensou que estava te dando frango, ela não pensou que estava te dando frango assustador!
- Monica – Qual é a de vocês? Quero dizer, no minuto que começam a sentir algo tem que correr?
- Chandler – Eu sei! É por isso que não quero ir hoje à noite, vou dizer algo estúpido.

Uma forma de expressão aberta, falando dos medos, dos sentimentos, o sentimento por Janice e ao mesmo tempo o temor do relacionamento intercalam um pensamento masculino e feminino. Logo após ele pede conselhos de como agir para acabar com seu medo, um traço feminino.

- Chandler – O que eu faço? Quero atravessar isso; não quero ter medo dessa coisa de compromisso! Quero passar pelo túnel para o outro lado!

“*Nós deveríamos viajar com seus pais!*”

No segundo momento Chandler está decidido a se tornar o “cara” mais comprometido de todos, presenteia a namorada com uma gaveta em sua cômoda e começa a fazer propostas que acredita ser um “medidor” do nível de comprometimento dele na relação.

- Chandler – Nós deveríamos fazer uma viagem!
- Janice – Nós devíamos?

- Chandler – Sim, somos um casal e é isso que os casais fazem. E eu quero conhecer seus pais. Nós deveríamos viajar com seus pais!
- Janice – Eu não acho que a gente precise, por que você está me assustando agora! Você está bem?
- Chandler – Estou eu realmente estou, quero dizer, isso é maravilhoso! Minha vida inteira eu temi esse lugar, e agora que estou aqui é como “qual era o grande problema?” Quero dizer, eu provavelmente poderia dizer, “vamos morar juntos!”, e eu estaria bem!
- Janice – Você provavelmente quer que moremos junto?
- Chandler (rindo) – Não me assusta!
- Janice – ME assusta! Eu não estou nem divorciada ainda, Chandler! Sabe, você me convidou aqui pra um macarrão, e você está todo falando sobre morar juntos... e... eu nem estava com tanta fome. (caminhando pra porta) Tá ficando tarde, eu de devia apenas...
- Chandler – Não, não, não vai! Eu te assustei! Eu disse demais! Estou desesperado, e desajeitado e desesperado por amor!!
- (Janice sai e fecha porta.)
- Chandler (ligando pra secretária eletrônica de Janice) – Oiii Janice, sou eu... ähn... eu só queria me desculpar antecipadamente por ter te perseguido na rua.

Quando Chandler expressa seus sentimentos de forma clara e aberta Janice estranha e se assusta com o fato de um homem falar desse modo. O que mostra que homens nem sempre adotam um discurso masculino, nesse caso Chandler opta por externar o que sente a fim de vencer seu medo. Ele ainda se mostra desesperado quando ela vai embora, ele tem medo de perdê-la e fala com precisão o que sente.

Quando ela sai, ele liga para a secretária eletrônica dela e se desculpa antecipadamente por persegui-la na rua. Essas ações enfraquecem a relação de dominância masculina, fazendo com que ele pareça menos imponente, perca a liderança e se torne um subordinado.

“Oh deus santo, eu implorei!”

Após “perder” a amada, num terceiro momento, Chandler vai se refugiar no apartamento das duas amigas Rachel e Monica, que conversam sobre o assunto com ele e tentam o consolar. Ele conta os detalhes da conversa com a Janice, outro traço tipicamente feminino. Come sorvete e expõe mais uma vez seus sentimentos, agora para as suas amigas, em busca de conselhos e conforto. A organização da cena mostra a coopera-

ção feminina, as duas mulheres tentando ajudar um amigo com problemas emocionais por meio do diálogo e do aconselhamento.

- Monica – Você não implorou, implorou?
Chandler – Eu disse “por favor”.
Monica – Foi “por favor” com um “o” no meio dele ou vários “os”?
Chandler – Oh deus santo, eu implorei!
Rachel – Calma, talvez não seja tão ruim, como você deixou ela?
Chandler – Ela disse que me ligava. Oh deus...
Monica – Bem vindo ao nosso lado do túnel!

Além de ser acolhido em um grupo de mulheres, ele ainda é tratado da mesma forma que elas tratam as amigas, confortam, ouvem e aconselham Chandler. Seu impulso maior é agir de forma feminina, ele pensa em ligar, se desculpar, mas é impedido pelas amigas que dizem para ele agir com indiferença quando a encontrar. O que elas fazem é na verdade induzi-lo a agir de forma dominante, demonstrando segurança e negando qualquer traço de fragilidade.

“Posso ser aquele cara?”

Ao tentar ser indiferente, Chandler programam um encontro casual no supermercado do bairro de Janice, que estranha o fato de ele estar ali, já que não conhece ninguém naquela redondeza. Ele mente, dizendo que vai a uma festa de garotas, mas a farsa dura pouco tempo, uma vez que ele não consegue manter a mentira de forma convincente.

- Janice – Onde é essa festa?
Chandler – Aqui em Chelsea.
Janice – É de quem a festa?
Chandler – De uma mulher.
Janice – Que mulher?
Chandler – Chelsea?!
Janice – Ok, uma das duas coisas está acontecendo, ou você está saindo com alguém pelas minhas costas, o que te faria o maior idiota do planeta, ou então está fingindo que está vendo alguém, o que faz de você tão patético que eu poderia começar a chorar bem aqui na ala dos cereais! Então, qual desses dois caras você quer ser?
Chandler (apontando para um homem qualquer no supermercado) – Posso ser aquele cara?

Novamente ele demonstra fraqueza ao tentar agir como líder da situação, fica apenas por pouco tempo em situação de liderança, mas ao sofrer algum tipo de pressão sucumbe ao medo.

“Eu só fui estúpido e medroso e estúpido algumas vezes mais.”

Após outra briga com a namorada, Chandler novamente se reúne com as amigas, conta o que houve e demonstra toda a sua dor em pensar na possibilidade de ter perdido o amor de Janice. Elas comparam o que aconteceria com elas se tivessem agido dessa forma. O telefone toca e Janice faz as pazes após Chandler reconhecer que estava errado.

Chandler	(ao telefone) – Ei Janice, olá! Eu estou tão feliz que você ligou! Eu sei que tenho agido muito estranho ultimamente e... é só porque eu sou louco por você, e... eu só fui estúpido e medroso e estúpido algumas vezes mais. Me desculpe... Mesmo?!... (risos) Mesmo?!
Rachel	– Ele é tão sortudo! Se a Janice fosse um cara ela estaria dormindo com outra agora!
Chandler	(ao telefone) – Eu te amo também!
Monica	– Tão injusto!

O episódio mostra que quando a diferença entre os sexos é quebrada, ou seja, quando Chandler assume uma forma de linguagem feminina, a qual sua namorada entende, a interação ocorre de forma simples. Porém quando ele assume uma forma masculina de falar ela se sente ameaçada e não compreende a real intenção dele. Mostra também que o homem não necessita ter apenas um tipo de linguagem, assim como a mulher também não. O caso do personagem é exatamente esse, ele age das duas formas, dependendo do contexto em que se encontra.

5. *Considerações finais*

Partindo das teorias citadas e analisando o comportamento linguístico de Chandler, vimos que ele alterna o uso da linguagem masculina e da linguagem feminina. Sabendo que Chandler é um homem, heterossexual, o uso da linguagem feminina é, em princípio, algo fora do comum, porém, homens e mulheres podem sim utilizar as diferentes formas de linguagem em situações distintas. Então a polarização do masculino e feminino dentro da linguagem se transforma em gradações de linguagem híbrida, à medida que as diferentes situações nos exigem comportamentos linguísticos distintos. Chandler é um exemplo claro disso, ao

mudar seu comportamento para compreender melhor a namorada e reconquistá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GLASS, L. *He says, she says*. Closing the Communication gap between sexes. Perigee Books, 1993.

GRAY, J. *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus: um guia prático para melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos seus relacionamentos*. 11. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LAKOFF, R. *Language and woman's place*. Department of Linguistics, University of California, Berkeley, 1975.

LINS, M. P. P. A pragmática e análise de textos. *Revista Contextos Linguísticos*, Vitória, n. 2, p. 158-176, jan. 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PALLOTTINI, R. *Dramaturgia da televisão*. São Paulo: Moderna, 1998.

QUAGLIO, P. *Television Dialogue: The sitcom vs. natural conversation*. Philadelphia: John Benjamins North America, 2009.